

O SUJEITO LÍRICO *VOYEUR* NA POESIA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA

Antonio Eduardo Soares Laranjeira (UFBA)

RESUMO: Este trabalho pretende cartografar uma produção lírica contemporânea, cujo sujeito se caracteriza pelo prazer de olhar. Para tanto, com base em uma concepção transdisciplinar dos estudos literários, amparada nas abordagens de Jonathan Culler (1999), Eneida M. De Souza (2002) e Andreas Huyssen (2002), empreende-se uma breve revisão da teoria da lírica tradicional e dos estudos sobre lírica moderna de Hugo Friedrich (1978), com vistas a sinalizar que, na contemporaneidade, a poesia lírica pode ser compreendida não como a expressão da essência de um sujeito, mas se organiza em torno de um eu que se debruça sobre o outro (Michel Collot, 2004), como um *voyeur*. Nessas circunstâncias, para a configuração do sujeito lírico voyeur, são mobilizados os signos de um imaginário urbano global, relativos, principalmente, à cultura pop, como é possível observar na produção de poetas como Angélica Freitas, Caio Meira, Ramon Mello e Fabrício Corsalatti.

Palavras-chave: Poesia. Sujeito lírico *voyeur*. Cultura pop

No artigo *O sujeito lírico voyeur de Ramon Mello e Caio Meira*, publicado em 2013, na Revista do *Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea*, refletiu-se sobre uma possível configuração do sujeito lírico na poesia dos dois poetas contemporâneos. *Voyeur*, esse sujeito se distanciaria de concepções mais tradicionais da lírica, que assinalam a expressão da interioridade como um dos seus traços definidores. Também foi assinalado o diálogo com a cultura pop como um elemento significativo na poética de ambos os escritores. É possível observar com certa recorrência, na produção de diversos poetas contemporâneos, o recurso aos signos provenientes da cultura pop e a um sujeito lírico que se constitui em torno do prazer de olhar: além de Ramon Mello e Caio Meira, Angélica Freitas, André Fernandes, Reuben da Cunha Rocha, Fabrício Corsalatti e Renan Dissenha Fagundes são alguns dos poetas que exploram um imaginário produzido e difundido no contexto global. Neste trabalho, faço um breve mapeamento de certa dicção poética contemporânea, em que a constituição de um sujeito lírico *voyeur* e o diálogo com a cultura pop se apresentam como aspectos frequentes dessa produção.

Goiandira Camargo (2011), em artigo publicado nos *Anais do XII Congresso Internacional da ABRALIC*, afirma que a lírica é compreendida como um “canto em que o poeta fala em seu próprio nome, fala de si e é o único a falar”, o que constituiria “as bases do que entendemos até hoje como poesia lírica” (CAMARGO, 2011). Segundo a perspectiva da dialética hegeliana, a épica e a lírica são tese e antítese, opondo-se a objetividade da primeira à subjetividade da última, donde resultaria a dramática, como síntese. Como se observa nos *Cursos de Estética*, é no gênero lírico que se manifesta a necessidade “de se expressar a si e de perceber o ânimo na exteriorização de si mesmo” (HEGEL, 2004. p.157).

Ainda no século XX, tal concepção reverbera no trabalho de teóricos influentes. Nos *Conceitos fundamentais da poética*, Emil Staiger (1997) aponta a solidão e o desinteresse pelo público como aspectos que singularizam o poeta lírico. A lírica teria sua essência relacionada com um arrebatamento provocado pela disposição anímica na subjetividade do poeta. Anatol Rosenfeld, por sua vez, em *O teatro épico*, concebe a lírica, em termos ideais, como “a plasmação imediata das vivências intensas de um Eu no encontro com o mundo” (ROSENFELD, 2006. p.22), em que se percebe uma intensa carga expressiva. Conforme essa abordagem, ganha corpo o lugar-comum que descreve o poema como forma de exteriorizar os sentimentos ou um estado de alma de um eu.

Camargo, no entanto, argumenta que, em *A estrutura da lírica moderna*, Hugo Friedrich (1978) considera que a lírica moderna, já no século XIX, com Rimbaud e Baudelaire, “causa rupturas naquele entendimento de um eu lírico monolítico” (CAMARGO, 2011). Tensão dissonante, despersonalização e recurso a categorias negativas são apresentadas por Friedrich como aspectos singulares dessa lírica e que resultam em uma sensação de inquietude e absurdidade. Sob esse prisma, a lírica moderna se configura de forma autotélica, como exteriorização de si mesma e não do eu.

É válido pensar em um sujeito lírico *voyeur* em consonância com o que teoriza Goiandira Camargo, na esteira Michel Collot (2004), que tratam da presença de um

“sujeito lírico fora de si” na lírica contemporânea. Lidar com tal configuração exige que outras abordagens teóricas sejam mobilizadas, distantes das perspectivas tradicionais da teoria da lírica, mas sem atingir os extremos de uma concepção moderna de lírica, que enfatiza a autonomia da linguagem com relação ao mundo. Observa-se, ainda, que esse sujeito lírico, além da multiplicidade e da indefinição de formas, explora significativamente o olhar, através do qual capta os signos de um imaginário atravessado por referências à cultura pop. Levando-se em conta esse *prazer de olhar*, é possível considerar o “sujeito lírico fora de si”, de Collot, como um sujeito lírico *voyeur*, que pode ser vislumbrado nos textos de alguns poetas contemporâneos.

Na poesia de Ramon Mello, esse voyeurismo é onipresente. Um dos textos de *Vinis mofados* (2009) apresenta em poucos versos o que poderia se compreender como uma poética. O poema, que, simultaneamente, reflete sobre si mesmo e aponta para a possibilidade de configuração de um sujeito lírico que se constrói a partir do olhar lançado para fora de si, sinaliza para algo que parece ser o *modus operandi* do sujeito lírico de Mello:

POETA

aquele que está
(interessado?) nos
outros (MELLO,
2009. p.29)

A interrogação em torno do interesse do poeta pode significar a ambiguidade da relação entre o eu lírico e os outros. O eu lírico se constitui ao captar outras vozes, que, na lírica de Ramon Mello, são provenientes da música popular ou, de forma genérica, da cultura pop.

O sujeito lírico de Mello assemelha-se então à figura do jornalista, que constrói a crônica da vida e de si mesmo a partir do olhar lançado sobre o outro. Silviano Santiago (2002), em conhecido artigo sobre o narrador pós-moderno, descreve-o como aquele que extrai a si mesmo da ação narrada: “a figura do narrador [pós-moderno]

passa a ser basicamente a de quem se interessa pelo outro (e não por si) e se afirma pelo olhar que lança ao seu redor [...] (e não por um olhar introspectivo) [...]” (SANTIAGO, 2002. p.49-50). O narrador pós-moderno é, assim, um narrador *voyeur*, que, com prazer, “olha o outro para levá-lo a falar” (2002. p.50). O que importa para esse narrador, que narra a própria experiência do olhar, não é a transmissão da experiência.

Estabelecendo-se uma analogia entre o narrador pós-moderno e o sujeito lírico *voyeur* que se escreve na lírica de Mello e de outros poetas contemporâneos, percebe-se que, ao olhar para o outro, ele se extrai do poema, o que abala a concepção de lírica como plasmação de “vivências intensas” de um eu. O sujeito lírico *voyeur* fala de si ao dar fala ao outro, como ocorre com o narrador pós-moderno de Santiago.

O mesmo teor de *Vinis Mofados* pode ser observado no segundo livro de poemas de Ramon Mello, *Poemas tirados de notícias de jornal* (2012). O “Poema atravessado pelo manifesto sampler”¹, que abre o livro, dá forma a um eu lírico descentrado, “propriedade coletiva”, e expõe o seu processo de subjetivação.

[...]
propriedade
coletiva
eu sou
você sou
eu nos
reconhecemos nas
palavras lidas e não ditas
e não lidas também
percebe
posse-
criação [...]
(MELLO, 2012. p.14)

¹ O título do poema reporta ao *Manifesto sampler*, concebido por Frederico Coelho e Mauro Gaspar, que, em linhas gerais, propõe uma literatura que se ampara na leitura e na reescrita, em um jogo de apropriações e ressignificações: “A escrita sampler esvazia a figura do autor-ego, e seu papel em relação ao discurso, criando um novo jogo de forças e oposições possíveis”. Em vários trechos, a estabilidade do sujeito é colocada em xeque, em favor de um eu múltiplo, formado e transformado a partir de várias vozes. Deleuzianamente, a escrita sampler se apresenta como um platô, sem começo nem fim.

Nos versos que compõem o fragmento do longo poema, lê-se “eu sou vocês”, como também “vocês sou eu”: os sujeitos se reconhecem nas palavras lidas e não ditas, mas também nas palavras ditas e não lidas. O sujeito lírico *voyeur*, que então se configura, põe em prática a escrita de si², atravessado pela polifonia provocada pela atitude de “posse-criação”. As vozes que se encontram sob tensão na lírica de Mello relacionam-se horizontalmente, de forma não-hierárquica, sem que sejam estabelecidas filiações entre os textos mobilizados. Ainda no “Poema atravessado pelo manifesto sampler”, Mello afirma: “não comunique aos pais / toda palavra é / órfã” (MELLO, 2012. p. 12).

Assim como em “Poeta”, percebe-se uma poética no poema que abre o segundo livro de Mello, visto que os demais textos se compõem antropofagicamente, como assinalado por Eduardo Jardim, no posfácio da edição. São agenciadas referências que vão desde eventos cotidianos até o cânone literário brasileiro (perceptível na alusão do título do livro ao conhecido poema de Manuel Bandeira). Além disso, são inúmeras as remissões a signos oriundos de um imaginário urbano transnacional, como marcas de produtos (“*ice tea light* com limão e gelo lipton”; “aulas de ms office (word e excell)”), ícones midiáticos (“fátima abandona bonner e vai fazer programa”; “kiko dispara: chaves era traficante de drogas”) ou, ainda, termos e situações frequentes na informática.

Da assimilação e do reconhecimento de um conjunto de referências compartilhadas da cultura pop decorre o processo de identificação tanto dos sujeitos líricos fora de si, como dos leitores que se identificam com eles. De acordo com Evelina Hoisel, em estudo sobre *PanAmérica*, de José Agrippino de Paula, pode-se falar em discurso literário pop quando há uma convergência entre a literatura e outras artes e linguagens, além do encontro entre cultura erudita e cultura popular. Na lírica contemporânea abordada neste trabalho, marcada pelo contato frequente com a cultura

² Referência ao tópico da estética da existência, desenvolvido por Michel Foucault em sua obra. Conforme a leitura de Joel Birman sobre o pensamento foucaultiano, a subjetividade é compreendida como um devir, o que implica a inconsistência ontológica do sujeito. A subjetividade é, assim, desnaturalizada, resultando numa noção de sujeito destituído de fixidez. Pensar as técnicas de si significa perceber de que maneiras a concepção de subjetividade se modifica ao longo da história ocidental, a partir de certas técnicas de produção de si mesmo.

pop, verifica-se como, em sua constituição, o sujeito lírico *voyeur* lança mão de um repertório de imagens que abarca ícones produzidos e disseminados por uma cultura urbana e globalizada, disponíveis cotidianamente na atmosfera da sociedade de consumidores, como marcas de produtos e mitos produzidos pelo cinema, pela música popular ou pela publicidade.

Pode-se flagrar a escrita *sampler* – que figura no poema de Ramon Mello e parece desempenhar um papel relevante na constituição do sujeito lírico *voyeur* – também na produção de outros poetas contemporâneos, a exemplo de Renan Dissenha Fagundes e Angélica Freitas. Em “épico moderno”, poema de Fagundes publicado no livro *Fluido Fotográfico* (2007), percebe-se que o procedimento de “mixagem” é utilizado desde o título:

épico moderno

bater homero no
liquidificador até virar
poundjoyce Elliot's juice
(FAGUNDES, 2007, p.41)

O texto, que traz à memória a estrutura de uma receita, explicita a intersecção de gêneros, que pode ser também destacada no que se refere ao tom narrativo nítido ao longo da lírica de Ramon Mello. O título “bate no liquidificador” a forma que representa o contexto de culturas fechadas, como define Georg Lukács, e a modernidade. Como resultado obtido pela “receita”, tem-se o “suco”, que faz convergir Homero, Ezra Pound, James Joyce e T.S. Eliot – “até virar poundjoyce Elliot's / juice”, como se diz nos versos finais.

O sujeito lírico *voyeur* que se constrói no poema de Fagundes direciona seu olhar para a tradição. Ao dispor os versos como se fizessem parte de um manual de instruções, um método (“bater homero no liquidificador”), remete-se aos métodos que os poetas mencionados fizeram uso na concepção de *Os cantos*, *Ulisses* e *A terra devastada*, respectivamente – épicos modernos – caracterizados por um diálogo intenso com a tradição. Renan Fagundes desloca, assim, o centro do eu lírico, provocando sua

despersonalização, ao mesmo tempo que o constrói, quando o faz falar sobre o outro.

Simultaneamente, o poema apresenta um signo que reporta ao cotidiano moderno, como o liquidificador, fundamental no poema para samplear as diferentes dicções poéticas e os diferentes gêneros textuais e idiomas. Tal processo pode ser mapeado em outros textos do livro de Fagundes como os poemas “crooked rain, crooked rain” e “out”. Neles o sujeito lírico *voyeur* dialoga com a cultura pop (nas referências à banda *Pavement* e a marcas de produtos, no primeiro poema), e com a tradição literária (na relação com o poema *Este livro*, de Ana Cristina César, no segundo poema), mobilizando e aproximando as culturas erudita e popular.

A imagem do liquidificador ressurge em outro poema, que intitula também o livro de Angélica Freitas, *Rilke shake*. No poema homônimo, o gesto de bater a tradição no liquidificador também é apresentado como força-motriz no texto lírico:

rilke shake
salta um rilke shake
com amor &
ovomaltine
quando passo a noite
insone e não há nada que
ilumine eu peço um rilke
shake
e como um toasted
blake sunny side para
cima quando estou
triste

& sozinha
enquanto o amor
não cega bebo um
rilke shake
e roço um toasted
blake na epiderme da
manteiga

nada bate um rilke
shake no quesito anti-
heartache nada supera
a batida
de um rilke com sorvete
por mais que você se
deite se deleite e se
divirta
tem noites que a lua é
fraca as estrelas somem
no piche e aí quando não
há cigarro não há cerveja
que preste eu peço um
rilke shake engulo um
toasted blake
e danço que nem
dervixe (FREITAS,
2007, p.39)

A dicção pop que se vê nos versos de Freitas se deixa transparecer no processo de mixagem das referências. Desde o título, que aproxima a figura canônica de Rainer Maria Rilke ao cotidiano *fast-food*, contemporâneo, evocado pelo *milk-shake*, verifica-se a diluição das fronteiras entre cultura erudita e cultura popular. Em outro trecho, o mesmo acontece com o poeta William Blake, que se metamorfoseia em um “toasted blake”. O sujeito lírico de Angélica Freitas digere os dois poetas, acompanhados por um ovo estrelado, tradução para *sunny side up*, que é também uma referência cinematográfica a um filme musical romântico de 1929. O poema retoma temas recorrentes na tradição lírica, como o amor e a solidão, ao mesmo tempo que explora um imaginário contemporâneo por meio de uma linguagem pop. O *rilke shake*, o *toasted blake* e o *sunny side up*, são, portanto, no poema, alternativas do sujeito lírico voyeur de Angélica Freitas para a noite insone, a solidão, a tristeza, as noites de lua fraca ou “quando não há cigarro / não há cerveja que preste”.

Em outros textos de Angélica Freitas, manifesta-se também a escrita *sampler*, como em “sereia a sério” (“não quero contar a história / depois de andersen & co”) ou

“liz & lota” (“imagino a bishop entre cajus”), em que ocorrem alusões a Hans Christian Andersen e Elizabeth Bishop ou, ainda no mesmo livro, mais uma referência a Ezra Pound, no poema “não consigo ler *os cantos*” (“vamos nos livrar de ezra pound?”). No segundo livro, intitulado *Um útero é do tamanho de um punho*, a mixagem é evidente em poemas como os que compõem os “3 poemas com o auxílio do google”, que se constroem como se fossem completados pela própria ferramenta de busca da *internet*, expondo um ato de apropriação e colagem que remete o leitor a um recurso, simultaneamente, cotidiano e contemporâneo.

Pode-se considerar como um aspecto comum a todos os poetas aqui abordados a manifestação de um sujeito lírico cuja marca é o prazer de olhar. O sujeito lírico *voyeur* se constrói no poema em contato com o outro e com o mundo: ao voltar os olhos para fora de si, afastando-se do mergulho em seu próprio interior, o sujeito do poema se cria, a partir das referências compartilhadas. Ao praticar a estética da existência, o eu lírico se apropria de elementos que compõem um imaginário global e subjetiva-os. Trata-se, portanto, de um eu lírico que habita o espaço urbano e com seu olhar apreende os elementos que os circundam, construindo, assim, realidades.

A despeito das particularidades cada poeta, o sujeito lírico *voyeur*, de uma maneira aproximada ao que se configura na poética de Ramon Mello, Renan Dissenha Fagundes e Angélica Freitas, também se faz presente na produção de Caio Meira (em *Romance*), André Fernandes (no livro *Habitar*), além de Reuben da Cunha Rocha (com *As aventuras de cavaloDada em + realidades q canais de tv*) e Fabrício Corsaletti (no livro *Quadras paulistanas*). É necessário sinalizar que no que diz respeito aos dois últimos há, além do que se explorou neste artigo, um diálogo intenso com a linguagem visual (*Quadras paulistanas* é ilustrado por Andrés Sandoval e, no livro de Reuben da Cunha Rocha, merece destaque o fato de que o procedimento de colagem é levado ao paroxismo, além do recurso à linguagem da pichação).

O que essa dicção contemporânea da lírica, vislumbrada nas produções de Ramon Mello, Angélica Freitas, André Fernandes, Reuben Rocha, Fabrício Corsalletti e Renan Fagundes permite compreender é a necessidade de repensar critérios de

abordagem da lírica, na contemporaneidade. O eixo que se constitui em torno do sujeito lírico *voyeur*, da cultura pop e da vida urbana permite, no que concerne à produção dos poetas aqui abordados, uma leitura conjunta desses poemas. Dessa forma, torna-se viável o estabelecimento de parâmetros interpretativos consistentes, que permitam desconstruir a concepção tradicional de sujeito lírico.

REFERÊNCIAS

ALLOWAY, Lawrence. The development of British pop. In: LIPPARD, Lucy. *Pop Art*. London: Thames and Hudson, 1988, p.27-69.

APPADURAI, Arjun. *Modernity at large: cultural dimensions of globalization*. Minnesota: University of Minnesota Press, 1996

BIRMAN, Joel. *Entre cuidado e saber de si: sobre Foucault e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

CAMARGO, Goiandira. Subjetividade lírica à margem do centro na poesia contemporânea brasileira e portuguesa. In: Anais do XII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada 2011: Curitiba, PR – *CENTRO, CENTROS; ética e estética*. Benito Martinez Rodriguez (org.) – Curitiba: ABRALIC, 2011, e-book.

COELHO, Fred; GASPAR, Mauro. *Invasores de corpos: manifesto sampler. Plástico Bolha*. Rio de Janeiro, n.11, p.5, abr. 2007.

COLLOT, Michel. O sujeito lírico fora de si. In: Terceira Margem: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras, Pós-Graduação, Ano IX, nº11, 2004, p. 165-177.

CORSALETTI, Fabrício. *Quadras paulistanas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FAGUNDES, Renan Dissenha. *Fluido fotográfico*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007. FERNANDES, André. *Habitar*. São Paulo: Editora Hedra, 2010.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *Ditos & escritos V: ética, sexualidade, política*. Trad. Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense

Universitária, 2004, p. 144-162.

FREITAS, Angélica. *Rilke shake*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FREITAS, Angélica. *Um útero é do tamanho de um punho*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FRIEDRICH, Hugo. *A estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX*. Trad. Marise M. Curioni. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HEGEL, G. W. F. *Cursos de Estética*. Trad. Marco Aurélio Werle. São Paulo: Edusp, 2004, v.4.

HOISEL, Evelina. *Supercaos: estilhaços da cultura em PanAmérica e Nações Unidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

LARANJEIRA, A. E. S. O sujeito lírico voyeur de Ramon Mello e Caio Meira. In: *Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea*. Rio de Janeiro, v.1, n.9, p.25-39, 2013. MEIRA, Caio. *Romance*. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2013.

MELLO, Ramon. *Vinis mofados*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.

MELLO, Ramon. *Poemas tirados de notícias de jornal*. Rio de Janeiro: Móbile, 2012.

ROCHA, Reuben da Cunha. *As aventuras de cavaloDada em + realidades q canais de tv*. São Luís: Pitomba, 2013.

ROSENFELD, Anatol. *O teatro épico*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2002.

STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da poética*. Trad. Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997, p. 19-75.